

O COMPLIANCE NA VIDA REAL

Carlos Eduardo Martins de Souza¹

Alguns especialistas relacionam *compliance* a integridade. Filósofos, gostam de fazer paralelos com a ética e moral. Há ainda os que mais complicam do que explicam. Mas eu, prefiro dizer que *compliance* é o hábito de fazer as coisas certas. Simples assim.

Se 30 anos atrás, nos reuníssemos numa sala fechada qualquer, alguns de nós poderiam estar fumando, e isso era considerado normal. Já há 15 anos, ninguém estaria fumando, mas tínhamos diversas placas e avisos proibindo sobre o uso de cigarro.

Hoje, numa mesma reunião, ninguém fuma, e vejam que já não existem dezenas de placas ao nosso redor. Caso um de nós sinta necessidade de fumar, poderá retirar-se por alguns minutos e depois retornar. E será considerado normal também.

Com o *compliance* é igual. Ao longo dos anos, com as mudanças de hábitos e de determinados comportamentos, o que é aceitável vai se transformando. Por mais que a maioria das organizações ainda esteja na fase das placas e avisos, isso não é demérito. Por isso ainda existem auditorias, segregações, câmeras secretas de segurança, senhas de acesso e diversos outros métodos e ferramentas de controles internos.

Mas com essa narrativa tão óbvia, onde está a dificuldade de ser Compliance? Exercer *compliance* é difícil porque na vida real existe algo ainda complexo que chamamos de imponderável. Existem também os prazos curtos a serem cumpridos, as metas audaciosas a serem alcançadas e as dezenas de milhares tentações ao nosso redor.

Quem nunca se deparou com o colega de confiança pedindo sua senha emprestada? Ou com o embaraçoso pedido de contratação de um velho amigo, pouco qualificado e costume duvidoso, mas que precisa muito do emprego? Aquele seu acesso privilegiado a informações confidenciais da empresa podia lhe render lucro extra, não? E quando um agente certificador sugere uma comissão bem duvidosa em troca daquela cobiçada licença? Pois é, há dilemas e armadilhas por toda a parte.

Por isso o *compliance* é tão importante. Não é de hoje que as empresas adotam aquele tradicional programa com Código de conduta, treinamentos anuais e políticas internas em Arial 8. Logicamente não está errado, mas eu defendo que temos que ir além. Já não cabe mais o método clássico. Já não basta apenas transmitir a mensagem e compartilhar documentos. O mundo mudou.

Seja qual for sua área ou seu nível hierárquico, sempre devemos ultrapassar, superar e exceder as expectativas, não só de colaboradores, mas também de todos os *stakeldolders*.

¹ Engenheiro pós graduado em Auditoria Interna e Compliance, Master of Business Administration em Coimbra – Portugal, atuando atualmente como Compliance Officer no Grupo Educacional Uninter.

Compliance não se faz sozinho. Por isso um programa eficiente deve garantir o interesse, o envolvimento e o engajamento de todos. O mundo digital nos trouxe diversas novas maneiras de aculturação, inovação e comunicação sem fronteiras. Cabe a nós profissionais, trazer toda a teoria para a vida real, disseminar a cultura da integridade organicamente e valorizar quem faz o certo.

Tem uma fábula antiga que talvez você já deva ter ouvido, mas eu gosto de encerrar com ela:

“Numa praia tranquila, junto a uma colônia de pescadores, morava um escritor.

Um dia, caminhando pela areia, ele observou um menino pegando as estrelas-do-mar, uma por uma, e jogando-as de volta ao oceano.

- Por que você está fazendo isso? – Perguntou o escritor.

E o menino respondeu: - A maré baixou e o sol está brilhando muito forte. Se estas estrelas ficarem aqui, vão secar ao sol e morrer!

O escritor até que achou bonita a intenção do garoto, mas disse:

- Só que existem milhares de praias por este mundo afora com estrelas trazidas pelas ondas. Você aqui, jogando umas poucas de volta ao oceano, que diferença faz?

Foi então que o menino respondeu: -Para esta que eu joguei, eu fiz diferença.

Então naquela tarde, o escritor não conseguiu escrever nenhuma linha. De noite, mal conseguiu dormir. De manhãzinha, voltou a praia e lá estava o menino.

Sem dizer nada, o escritor juntou-se ao menino e também começou a jogar estrelas-do-mar de volta ao oceano”

Assim quero dizer que mesmo adotando as melhores práticas e métodos, talvez as nossas ações sejam insuficientes para conseguir tornar o mundo íntegro de verdade.

Mas independente do ramo em que estamos trabalhando, temos o dever de buscar fazer a diferença para a vida de todos que participam da nossa jornada.

Se todo mundo fizer a sua parte, nossa meta estará cumprida. E mais, conseguiremos deixar um mundo melhor para nossos filhos.